

REVISTA ON LINE DE POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL**v. 21, n. esp. 2, nov./2017****EDITORIAL**

O Brasil, como um país cuja sociedade se constitui de uma grande mistura étnico-racial e cultural, se apresenta e convive naturalmente com a diversidade. A convivência com a heterogeneidade estabelece relações amistosas que, de certa forma, acolhe, amorosamente, suas diferenças; porém, é nos bastidores, nas sombras, nas rotas alternativas e nos comportamentos sorrelfas que se revelam os preconceituosos, os reacionários mais retrógrados, e anacrônicos seguimentos, indivíduos e grupos de nossa sociedade. A RPGE vem possibilitar a apresentação e disseminação de ideias e reflexões na mais ampla perspectiva sobre temas que, no contexto descrito, nos são caros e nos espelham a face mais perversa. Com a clareza de que a significativa maioria de nossa população em idade escolar frequenta escolas públicas é para ela e, de certa forma, por ela, que nos colocamos à disposição para lhe dar voz. Podemos em alguns momentos não ter, em uma ou outra fala, a concordância plena como argumento posto, mas certamente apoiaremos essa voz. Ao se disseminar as pertinentes discussões apresentadas pelo trabalho dos organizadores deste número especial da RPGE, Osmar Hélio Alves Araújo, Janine Marta Coelho Rodrigues e Wilson Honorato Aragão, todos da UFPB – Universidade Federal da Paraíba – sobre inclusão e diversidade, exclusão, formação de professores, estamos cumprindo, mais uma vez, com nossa missão de disseminar o pensamento reflexivo que busca a criticidade, ponderação e discernimento sobre temas e problemas atuais e algumas mazelas, cristalizadas historicamente em nossa escolarização, desde sempre. Nossa escolarização, sustentada por argumentos criados e desenvolvidos ao longo de um tempo passado e em um contexto social e culturalmente distante do momento atual, carece do ambiente contingenciado funcionalmente para o atendimento das demandas que hora se apresentam, e isso faz com que apresente sinais evidentes de seu estado de esgotamento. O modelo se esgota ao mostrar fragilidade e insuficiência diante das demandas de inclusão, do atendimento qualificado à diversidade social, cultural, étnica e de gênero. Suas estruturas, enrijecidas pelo tempo e orientadas por anacronismos pedagógicos, se tornam obsoletas frente a

dinâmica ágil com que a modernidade – no sentido apenas de momento atual – evolui tecnologicamente, se transforma culturalmente e se reorienta metodologicamente com vistas às novas formas de conhecer e do conhecimento; às novas formas de se comunicar e se relacionar e, por fim, às novas formas de aprender, de ensinar e de se lidar com a diferença e o diferente. Nesse contexto, para que se possa atender à demanda que se apresenta, tanto pelo estado democrático em que estamos como pela obrigação que temos, ao pertencermos a uma sociedade letrada, onde a educação foi alçada à condição de direito, é preciso considerar a inclusão, na sua mais poderosa dimensão, que é o acolhimento; as controvérsias, em suas mais conflituosas proposições; os desafios, frente aos seus maiores temores, e as perspectivas, nos pontos mais distantes e longínquos que seus olhares alcançarem. No entanto, finalizo, longe da pretensão de colocar em destaque o sentimento derrotista, parece estarmos diante daquele ambiente onde os passos podem ser maiores na direção que quisermos, reconceituamos, reconstruímos, reorientamos. Temos muito a aprender, somos um país jovem, somos imaturos, por isso temos também a ousadia do querer e o ímpeto para buscar. Ousemos então, caminhemos... juntos.

Os Editores